GESTÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Cláudia Horrana Alves Martins (UEG)
Graduando em Pedagogia, PVIC/UEG, Anápolis (GO) – horrana69@gmail.com
Mirza Seabra Toschi (UEG)
Professora do Curso de Pedagogia, UEG-UnUCSEH, Anápolis (GO) mirza.seabra@ueg.br

Introdução

Como requisito do Programa de Bolsas de Iniciação Científica – CNPq, apresento o relatório final referente à pesquisa: "Docência nos AVA –Múltiplas Visões", sob orientação da Profª. Mirza Seabra Toschi.

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) funcionam como uma simulação usada em cursos distância como se fosse uma sala de aula.

A pesquisa possui 11 subprojetos. O subprojeto que participo possibilitou ver como a gestão da Educação a Distância realiza seu trabalho de forma eficaz, visto que “o educador passa do campo de mediador e para de organizador do conhecimento, dando autonomia ao educando e possibilitando a ele ser um pesquisador” (SILVA, 2011). O enfoque que procuro compreender é a gestão e a organização da Educação a Distância (EAD).

Objetivos

O subprojeto ao qual me vinculo, gestão de cursos a distância, busca compreender como tem se organizado a gestão destes cursos, os quais requerem inovações na compreensão de como se faz a gestão deles. As particularidades deste tipo de educação devem ser levadas em conta pelos gestores que assumem a administração deles.

Metodologia

A pesquisa é de caráter bibliográfico e se fez basicamente pela leitura, organização e análise de produções específicas sobre a gestão da Educação a Distância realizadas em ambientes virtuais, buscando destacar os elementos priorizados pelos pesquisadores. Ainda são poucos os estudos sobre gestão de cursos a distância. Para este estudo foram importantes a tese de Faria (2011) e a dissertação de Silva (2011), que estudaram a mesma temática. Rumble (2003) tem sido um dos autores mais citados e ele também nos oferece interessantes observações sobre a gestão de cursos a distância.

Resultados e discussão

O sistema de gestão surgiu com o desenvolvimento da sociedade, em especial com a Revolução Industrial que trouxe a possibilidade de evolução no campo da administração e organização de empresas.

Maximiano (1997 *apud* MILL 2010) estabelece quatro tipos de objetivos para gestão: Planejamento, Organização, Direção ou Coordenação e Controle. Assim, com o decorrer dos anos, a Revolução Industrial atingiu várias

esferas da sociedade, provocando as escolas a buscar no modelo industrial para sua organização de forma a garantir melhores resultados.

No Brasil, a organização da educação se inicia por volta de 1930, quando, em São Paulo e no Rio de Janeiro, surge a cadeira de Administração Escolar. De acordo com Libâneo (2001, apud FARIA 2011) nesta época, a administração escolar era mais burocrático/ funcionalista e com o passar do tempo começou a receber um caráter mais democrático, tendo reconhecimento do dever de organizar o trabalho pedagógico, com visão mais ampliada e crítica da realidade. Por volta de 1980, a gestão toma maior visibilidade política social no campo da educação assegurando a igualdade e qualidade de ensino, em especial pela constituição Federal de 1988, que institui a gestão democrática.

Para Nunes (2006 apud SILVA 2011), não há uma definição para o conceito de gestão, porém, é necessário que a gestão tenha um conjunto de tarefas que busque utilizar todos os meios da organização, para se atingir os objetivos pré-determinados. A denominação de gestão se dá pelo planejamento, ações, acompanhamento destas ações, como ainda avaliar os processos, fazer as intervenções necessárias, e tem diferenciações entre as instituições, conforme o objetivo almejado. Segundo Luck (2010 apud, SILVA 2011), uma boa gestão é a participativa, pois é por meio dela que se estabelecem vários fatores necessários à obtenção dos resultados previstos no planejamento.

Faria (2011), ao estudar a gestão na UFG, afirma que para garantir o equilíbrio financeiro na produção dos cursos, com eficácia, é preciso que as instituições sejam geridas com eficiência e auto-organização. Segundo a mesma autora, cada instituição se organiza em conformidade com modelos pautados na estrutura que precisa, atendendo e respeitando a cultura organizacional da universidade.

Rumble (2003) apresenta três modelos de organização de cursos de EAD: o autônomo, o misto e o em rede. Para ele, o modelo autônomo seria o melhor, mas é mais econômico aproveitar a estrutura já existente. No Brasil, a maioria dos cursos está no modelo misto, ou seja, em instituições que oferecem cursos presenciais e a distância ao mesmo tempo.

Faria (2011) recorre a Belloni (1999), Moore e Kearsley (2008) e Peters (2001), que se referem a modelos de gestão de EAD. Belloni caracteriza as instituições como especializadas, que apenas oferecem cursos a distância e instituições integradas, que oferecem EAD, mas não de forma exclusiva. Moore e Kearsley categorizam-nas como instituições com finalidade única ou dupla. E Peters trata a organização da EAD em single-mode, dual-mode ou mixed-mode. Ou seja, há diferentes modos de as instituições se organizarem para oferecer cursos a distância, mas a mais comum, porém de maior dificuldade para gerir, são aquelas que oferecem os dois tipos de cursos concomitantemente.

Cursos a distância têm buscado atender alunos de todos os níveis e, devido a sua flexibilização, oferecem ao aluno a opção de escolha para conduzir sua própria formação. Por incorporar tecnologias de informação e comunicação como mediação pedagógica, proporciona o encontro dialógico necessário ao processo educativo, e é vista pelos alunos como prática emancipadora (Alonso 2005,2009,2010 apud FARIA, 2011).

O governo de alguma forma está firmando parcerias para favorecer a expansão do ensino a distância. Porém, a Educação a Distância é desconhecida por muitos e está sendo julgada de forma equivocada. A EAD necessita ser consolidada com uma política educacional estruturada e os gestores necessitam entender que este tipo de curso requer tratamento que leve em conta suas especificidades. Silva (2011) destaca que não basta essa ação dos governos, uma vez

que os gestores e suas equipes, devem atuar de maneira articulada e sempre buscando a qualidade do curso que oferecem. Para a autora, é a equipe que “sensibiliza e influencia as ações a serem desenvolvidas na comunidade escolar e medeia estas ações junto ao sistema escolar” (p.124).

Bauer (2008 *apud* FARIA, 2011) destaca algumas iniciativas que podem contribuir para o processo de mudança estrutural da EaD dentro das Universidades: trabalho coletivo, comunicação em rede, abertura para o aprendizado e para romper com a solidificação dos processos existentes, atenção à cultura organizacional, valorização da investigação, atitude crítica, busca de meios para organizar a EaD na instituição e comprometimento coletivo. Com isso pode se obter a habilidade auto-organizacional na estruturação da EaD, destacando que as responsabilidades são coletivas, vêm das políticas educacionais, da gestão acadêmica e da Universidade como um todo (Faria 2011).

Considerações finais

Retomo Faria (2011) para assinalar que é preciso construir uma cultura organizacional que reconheça e legitime o trabalho com a EAD. Para Faria, que estudou a Universidade Aberta na UFG, a oferta de cursos a distância em instituições consolidadas no ensino presencial “deve ser encarada como um processo de mudança estrutural, visto que a intensificação das práticas da EaD tendem a alterar processos acadêmicos cristalizados” (p. 219), ou seja, a inclusão de cursos a distância na instituição pesquisada, provocou mudanças nos cursos presenciais.

Assim, mesmo que, no caso de cursos da UAB serem suspensos por conta de políticas educacionais contrárias a ela, as mudanças já aconteceram no presencial.

Realizar este estudo foi importante, pois foi possível perceber que modalidades de ensino diferentes requerem gestão que levem em conta suas especificidades.

Agradecimentos

Agradeço a toda equipe da pesquisa “Docência nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem”, que me possibilitou aprender muito, em especial a orientadora Prof^ª. Mirza Seabra Toschi pela compreensão e ao fomento do programa de iniciação científica da UEG que me possibilitou ser PVIC/UEG.

Referências

- FARIA, Juliana Guimarães. *Gestão e organização da educação a distância em universidade pública* [manuscrito]: um estudo sobre a Universidade Federal de Goiás (tese de doutorado) Goiânia, FE/UFG, 2011, 277 p.
- MILL, Daniel [et al]. *Gestão da educação a distância (EAD):* noções sobre planejamento, organização, direção e controle da EAD. Disponível em http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_35/daniel_mill_e_outros.pdf . Acesso em 01.10.2011.
- RUMBLE, Greville. *A gestão dos sistemas de ensino a distância*. Tradução de Marília Fonseca. Brasília: Editora UnB; Unesco, 2003.
- SILVA, Rosália Santana. *As formas de organização para a gestão da educação a distância em instituições públicas do município de Anápolis* [manuscrito]: UNIEVANGÉLICA - Centro Universitário de Anápolis – 2011. 145 f.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS DE ANÁPOLIS
VII SEMINÁRIO DE PESQUISA DE PROFESSORES E
VIII JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNUCSEH
05 A 07 DE NOVEMBRO DE 2012

Disponível em <http://www.unievangelica.edu.br/files/images/Microsoft%20Word%20-%20dissertacao%20final.pdf>.
Acesso em 10 de setembro de 2011.